

As múltiplas temporalidades do jogo: *O segundo tempo* de Michel Laub

The Multiple Temporalities of the Game: *O segundo tempo* by Michel Laub

Marcel Vejmelka

Universidade de Mainz, Gemersheim, Alemanha
Doutor em Estudos Latino-americanos/Brasileiros, Freie Universität Berlin
vejmelka@uni-mainz.de

RESUMO: O curto romance *O segundo tempo* do escritor gaúcho Michel Laub, publicado em 2006, articula vários planos temporais a partir da demarcação de tempo de um jogo de futebol. Os 90 minutos do clássico gaúcho entre Grêmio e Internacional – o chamado “Gre-Nal do Século”, que teve lugar em 12 de fevereiro de 1989 para definir o finalista do campeonato brasileiro daquele ano – servem como eixo que estrutura os acontecimentos na vida do narrador, as suas reflexões e decisões vitais a serem tomadas em torno deles e o seu trabalho de memória pessoal ao narrar estes acontecimentos vinte anos mais tarde.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Laub; Literatura; Temporalidade; Gre-Nal.

ABSTRACT: The short novel *O segundo tempo*, published in 2006 by the Brazilian writer Michel Laub, articulates several temporal layers based on the limitations of time which define a football game. The 90 minutes played during the local derby between Grêmio and Internacional in Porto Alegre on February 12, 1989 – the mythical “Gre-Nal of the century” that decided one finalist of the Brazilian championship of that year –, provide the structure for the events in the narrator’s life, his thoughts, and existential decisions to be made around the game and his efforts of personal memory while telling it all twenty years later.

KEYWORDS: Michel Laub; Literature; Temporality; Gre-Nal.

INTRODUÇÃO

Em uma das suas crônicas futebolísticas, o escritor argentino Eduardo Sacheri expressa uma verdade sobre a limitação temporal do futebol que, em sentido duplo, é de relevância central para as reflexões aqui apresentadas:

Me parece que los viejos partidos de fútbol – y viejos son desde el instante en que el árbitro los termina – pueden ser un camino hacia la nostalgia, hacia el recuerdo, hacia el eco de una gran alegría. Pero nada más. Son sombras. Ya dejaron de ser fútbol.¹

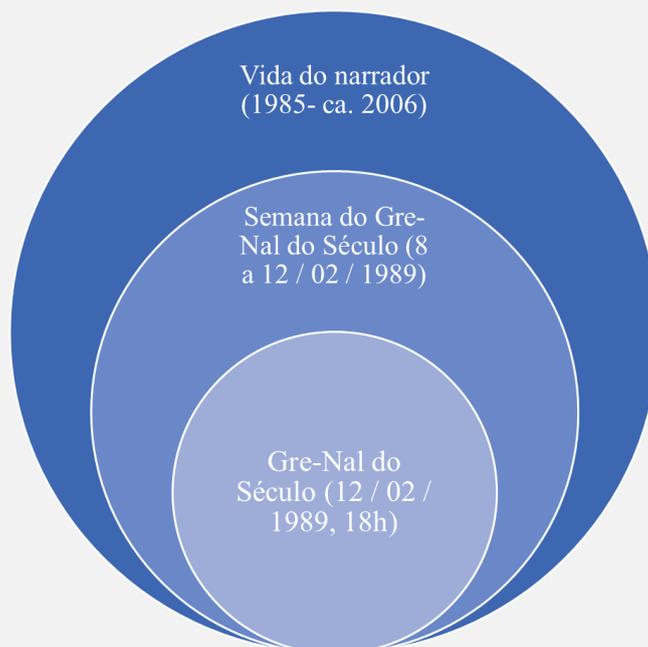
Sacheri nos lembra que a partida de futebol existe somente dentro e por causa da sua delimitação temporal entre o apito inicial e final; e que o que resta do jogo depois da partida já não é o futebol em si, mas algo derivado dele: a sua memória e narrativa, que contribuem de maneira decisiva para o seu fascínio duradouro e a sua extraordinária significância cultural.

O curto romance *O segundo tempo*, de 2006, do escritor gaúcho Michel Laub, não somente retoma esta dupla temporalidade do futebol no seu tema e enredo, mas também a integra em sua composição e estrutura narrativa, articulando vários planos temporais a partir da demarcação de tempo de um jogo de futebol.

Em *O segundo tempo*, um narrador sem nome rememora os acontecimentos e as decisões relacionados com a fragmentação da sua família – a separação dos pais, a saída de casa do pai para viver com outra mulher com a qual espera um filho – que marcaram a sua vida vinte anos antes. Esses eventos e a sua narração estão essencialmente ligados à partida da semifinal do campeonato brasileiro de 1988 entre os dois grandes times de Porto Alegre, Internacional e Grêmio – sendo este último o time do narrador e sua família –, o chamado “Gre-Nal do Século”, que teve lugar no dia 12 de fevereiro de 1989 no Estádio Gigante da Beira-Rio (a casa do Internacional).

Esta ligação entre a narração no romance e a partida no estádio se manifesta em três círculos temporais que apontam para as profundezas e complexidades da relação entre futebol e literatura.

¹ SACHERI. El túnel del tiempo, p. 53.



No esquema acima, o círculo mais amplo abrange a vida do narrador entre o decorrer dos acontecimentos narrados (começando por volta de 1985) e o momento da narração (por volta de 2006, também o ano de publicação do romance).

Os acontecimentos narrados têm o seu núcleo de reflexão, rememoração e narração na “semana do Gre-Nal do Século”, entre segunda-feira, dia 6, e domingo, dia 12 de fevereiro de 1989; entre o momento em que o narrador fica sabendo das iminentes mudanças na sua vida e o momento em que as pretende contar ao seu irmão Bruno, depois do jogo.

Finalmente, o círculo mais condensado abrange o período de tempo do jogo em si, mais concretamente 90 minutos de jogo e 15 minutos de intervalo, que marca uma mudança decisiva nos planos do narrador, estruturando a sua narração e, com isso, o próprio romance.

DIMENSÕES TEMPORAIS NO ROMANCE

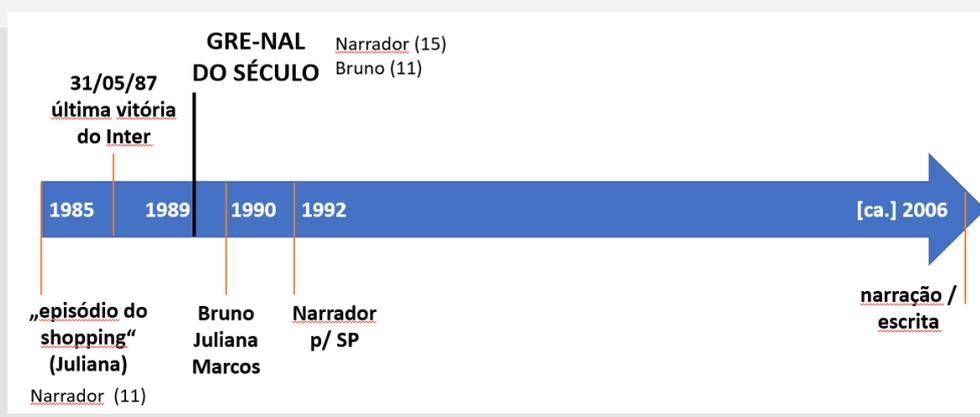
1º círculo: a vida do narrador

O ato de narrar em *O segundo tempo* representa um trabalho de memória e reflexão daquilo que aconteceu, começou e terminou no dia 12 de fevereiro de

1989, quando o narrador tinha 15 anos de idade e seu irmão Bruno, 11. Este ato de narrar se articula também em torno do momento de passagem da infância para a vida adulta, da ‘inocência’ para o ‘desencanto’, acompanhada pela tentativa do narrador de salvar esta infância e inocência para o irmão caçula.

No centro do enfoque temporal está a partida no dia 12 de fevereiro de 1989, mas o período de tempo incluído na narração se inicia já vários anos antes. A partir da importância ‘objetiva’ do jogo de semifinal, o seu significado subjetivo e individual para Bruno aponta para a dimensão histórica do clássico: Nos dois anos anteriores (mais concretamente, desde 31 de maio de 1987) o Internacional não ganhara em 12 confrontos (perdendo e empatando seis, respectivamente);² esses dois anos coincidem com a iniciação de Bruno no mundo do futebol e como torcedor do Grêmio, que representa outra dimensão temporal da infância feliz e inocente sob o signo do futebol.

O jogo e os acontecimentos em sua volta são narrados “quase vinte anos depois”,³ quando o narrador tem 34 anos e mora há cerca de 15 anos em São Paulo, afastado e isolado da família. Esta dimensão temporal se pode visualizar na flecha que segue:



A partir da idade mais ou menos avançada de 34 anos, o narrador reflete o momento de passagem na sua vida, aos 15 anos, entre a infância/adolescência e a vida adulta, como resume muito bem Naiara Alberti Moreno:

² LAUB. *O segundo tempo*, p. 12.

³ LAUB. *O segundo tempo*, p. 101.

Em *O segundo tempo*, o título também já aponta para a perda da inocência. Vive-se um segundo tempo, o tempo da maturidade: o pai, que deixa a família para assumir uma nova relação, permanece constantemente sob a acusação do narrador; disso surge também a compreensão dos limites de seu afeto, pois o protagonista ama o irmão, mas depois da experiência do afastamento do pai, também ele se afasta afetivamente da família, como que incapaz novamente de se envolver.⁴

A dramaturgia do romance consiste em contar, em fragmentos de revelação e memória ao longo do jogo de futebol, o que aconteceu na vida do narrador durante esses “quase 20 anos”, entre esse dia do “Gre-Nal do Século” e o momento da escrita, combinando a sinopse do passado com uma reflexão – realizada em retrospectiva – sobre as circunstâncias factuais dos acontecimentos e as alternativas hipotéticas que não se tornaram realidade.

2º círculo: a semana do “Gre-Nal do Século”

Exatamente uma semana antes do jogo, o pai comunica ao narrador os seus planos de deixar o trabalho, a cidade e a família por causa da sua amante Juliana.

Porque não foi somente o pai que tomou a sua decisão. Eu também precisaria tomar, na arquibancada do Beira-Rio eu deveria ter essa consciência. Na segunda-feira anterior ao jogo ele disse que estava de saída para mais uma viagem. [...] Eu o acompanhei até o carro, ele terminou de me dar a notícias sentado, eu ao seu lado no banco da frente, você já está crescido para saber.⁵

Esta ruptura iminente na vida da família contrasta radicalmente com a importância que o jogo previsto para o final dessa semana tem para Bruno: “Foi por isso que não dei a notícias sobre o pai antes do Gre-Nal do Século? Eu sabia que a semana era como um rito, nós teríamos que passar por ela”.⁶

A semana inteira – que fica “esquematizada” na tabela abaixo – o narrador se prepara para comunicar ao irmão as novidades negativas. É a sua intenção que esses dias decorram para Bruno sob o signo do jogo, para mantê-lo tranquilo e ignorante, cumprindo assim o “rito” mencionado.

⁴ ALBERTI MORENO. *Aprendizado da culpa*, p. 187.

⁵ LAUB. *O segundo tempo*, p. 34.

⁶ LAUB. *O segundo tempo*, p. 22.

2a	3a	4a	5a	6a	Sáb	Dom.
<p>[o pai:] “[V]ou deixar a seguradora.” — “[V]ou me mudar para Goiânia.” — “Juliana está grávida.”</p> <p>[narrador:] Bruno ficará sabendo só depois do jogo. “[A] semana foi como um rito, nós teríamos que passar por ela.” (22) “[P]ela primeira vez tive consciência do que estava sendo pedido de mim” — “[D]eixei de obedecer ao pai.” (73)</p>	<p>Fingir rotina, manter Bruno na ilusão</p> <p>Ir ao banco, depositar os cheques, jogar fora as contas (75-76)</p>	<p>Assistir com Bruno ao treino, depois almoço e um doce</p>	<p>[narrador:] “Na quinta-feira eu já estava convencido de que o Gre-Nal do Século amenizaria a decepção de Bruno comigo.” (77)</p>	<p>[dia do vencimento das contas]</p> <p>“Passei a sexta antevendo a cena.” (77)</p>	--	Gre-Nal do Século
<p>[narrador:] „Ao longo da terça, da quarta, da quinta, Bruno continuaria tocado pela mentira do futebol.” (75)</p>						

A esperança do narrador é que esta importância, este encanto ainda infantil, ajudem a adiar, durante os dias a seguir, tudo que está relacionado com a decisão do pai: “Ao longo da terça, da quarta, da quinta, Bruno continuaria tocado pela mentira do futebol”.⁷ Rito e suspensão do tempo se entrelaçam na sua consciência e passam a estruturar a “semana do Gre-Nal do Século”, como explica Igor Graciano:

A semana que antecede o jogo – com as reportagens preliminares, a expectativa – e o jogo em si servem não só como uma espécie de alegoria, pelo seu caráter decisivo, por ser uma semi-final do campeonato brasileiro, mas como episódio que contará diretamente na decisão a ser tomada pelo protagonista.⁸

Entretanto, há outras coisas que acontecem e que se anunciam durante esses seis dias. A segunda-feira, dia em que o pai comunica os seus planos ao narrador, também é o dia em que este toma consciência “do que estava sendo pedido de mim” e, em seguida, decide “deixar de obedecer ao pai”.⁹ Na conversa entre os dois, o pai lhe entrega as contas a serem pagas no final da semana (sexta-feira, dia 10) e os cheques correspondentes que só levam os valores e a assinatura. Na terça-feira o narrador vai ao banco, recebe o dinheiro dos cheques e joga fora as

⁷ LAUB. *O segundo tempo*, p. 75.

⁸ GRACIANO. Michel Laub, p. 271.

⁹ LAUB. *O segundo tempo*, p. 73.

contas; toma forma o seu plano de pegar este dinheiro e fugir sozinho, depois de ter avisado Bruno, após o jogo do domingo.¹⁰

Na quarta-feira os irmãos vão assistir ao treino do Grêmio, depois almoçam e tomam um doce; na quinta-feira o narrador já formou a convicção de que no caso de uma vitória gremista tudo irá dar certo, e na sexta-feira ele começa a imaginar a cena de contar a Bruno como as coisas irão se passar:

Na quinta-feira eu já estava convencido de que o Gre-Nal do Século amenizaria a decepção de Bruno comigo. Que cada lance do jogo [...] seria capaz de amenizar a mágoa dele comigo – a crise que ele enfrentaria no final do jogo, quando já estivéssemos voltando para casa e eu iniciasse a mais difícil das conversas.¹¹

Esses momentos que atravessam a semana anterior ao jogo, são lembrados, refletidos e contados durante os 90 ou 105 minutos do jogo, acompanhando os eventos no gramado e o ritmo da partida, constituindo a estrutura narrativa do romance.

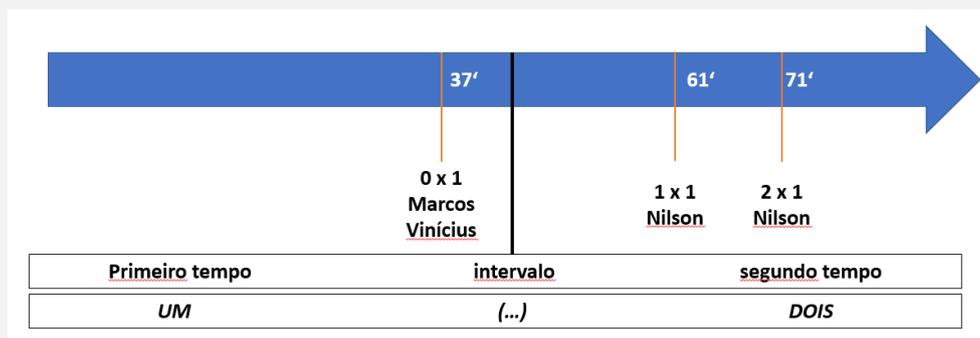
3º círculo: o Gre-Nal do Século

O romance consiste em três partes que reproduzem a estrutura do jogo: “Um” corresponde ao primeiro tempo do jogo (até a página 40), as reticências “(...)” representam os 15 minutos de intervalo (pp. 41-64), e “Dois” – a parte mais extensa do livro (pp. 65-112) – se situa no “segundo tempo” que dá o título ao livro. Mais uma vez, uma flecha ajuda a visualizar a sequência dos acontecimentos no gramado e na vida do narrador durante a duração do jogo. Esta ligação entre jogo e texto é refletida explicitamente pelo narrador no capítulo 3, ao formular as primeiras alusões ao seu plano de comunicar as notícias ao irmão depois da partida: “Seria um tempo, um pequeno intervalo, o outro tempo. Depois o caminho de volta. [O] pai estaria à nossa espera com alguns anúncios a fazer”.¹²

¹⁰ LAUB. *O segundo tempo*, p. 75-76.

¹¹ LAUB. *O segundo tempo*, p. 77.

¹² LAUB. *O segundo tempo*, p. 20.



O que os leitores ficam sabendo aos poucos durante os capítulos seguintes é o lado complementar desse plano, que consiste em o pai comunicar à mãe que ele deixa a casa e que a amante está grávida – uma dramaturgia paralela e da qual somente o narrador sabe que ela deve estar acontecendo simultaneamente ao jogo e ao seu próprio plano, de informar o irmão e depois fugir sozinho.

Com esta dramaturgia refletida na composição temporal e estrutura narrativa do romance, a escrita de Michel Laub responde de forma particular a uma característica da temporalidade do futebol, que o filósofo alemão Gunter Gebauer sintetiza da seguinte forma:

90 minutos são o espaço de tempo perfeito para uma atividade a valer, nada que se exprima simplesmente entre duas outras, mas também nada que consuma o dia inteiro ou todo o descanso depois do trabalho. [...] Nesses 90 minutos há espaço para quaisquer reviravoltas na dramaturgia.¹³

O PRIMEIRO TEMPO

A parte „UM“ – o primeiro tempo – começa com os irmãos na arquibancada do Beira-Rio acompanhando os rituais prévios ao jogo: o aquecimento dos jogadores, a entrada e tomada de posição dos times, o sorteio e as homenagens dos capitães. Então começa o jogo e ...

[...] agora é que o relógio corria de fato. Cinco minutos, dez minutos, cada atleta começando a se sentir à vontade. O peso certo da bola, a

¹³ EICHLER. *Lexikon der Fußballmythen*, p. 11. “90 Minuten sind das perfekte Zeitmaß für eine richtig gute Beschäftigung, keine, die man nur so zwischendurch einlegt, aber auch keine, die einen ganzen Tag kostet oder einen ganzen Feierabend. [...] In diesen 90 Minuten ist Platz für alle möglichen Wendungen der Dramaturgie.”

força certa do passe longo: cada vez menos chances de erros sem consequência, cada vez menos margem para pensar em alternativas.¹⁴

Com o jogo avançando – sem que o texto descreva detalhes do que acontece no gramado – o narrador vai desvendando mais elementos de seu plano: Durante a partida, o pai deve contar seus planos à mãe, depois da partida, em vez de contar tudo a Bruno e voltar à casa com ele, o narrador pretende pedir o perdão do irmão e mandá-lo sozinho para casa, para depois fugir com o dinheiro extraviado da contas a pagar.

No minuto 37, Marcos Vinícius abre o placar para o Grêmio: 0 x 1. Este minuto 37 do primeiro tempo é o primeiro momento decisivo em que os acontecimentos no gramado e o pano de fundo da narração se penetram mutuamente. No momento em que o Grêmio sai ganhando, a consciência do narrador se enche com a intuição de que a mãe, com seu histórico de depressão, já deve estar sabendo dos planos do pai e estar prestes a ter um – não o primeiro – colapso de nervos. No meio da festa da torcida, o narrador lembra o primeiro colapso da mãe 4 anos antes, quando ela ficara sabendo, pela primeira vez, da existência da amante do marido, e quando ela pedira ao narrador cuidar do irmão caçula no lugar dela:

Na arquibancada do Beira-Rio, no momento em que via a arrancada de Marcos Vinícius, eu deveria estar pensando no que significavam as palavras da mãe.

Eram trinta e sete do primeiro tempo. Eu seria um monstro [...] se acompanhasse Bruno, e não pensasse na mãe, durante os instantes que seguiram o gol do Grêmio.¹⁵

INTERVALO

No intervalo que articula a parte das reticências “(...)” no romance, o narrador aproveita os quinze minutos sem jogo para recuperar alguns detalhes de fundo da sua história pessoal.

Os capítulos 10 e 11 são dedicados à doença da mãe, que entra em depressão depois de se saber traída pelo marido. O mundo do futebol é

¹⁴ LAUB. *O segundo tempo*, p. 20.

¹⁵ LAUB. *O segundo tempo*, p. 39.

apresentado como um reduto onde os dois irmãos conseguem escapar dos problemas que atravessam a vida em família. Eles passam horas e tardes assistindo a jogos e treinos no Estádio Olímpico Monumental, a casa do Grêmio: “Não era óbvio que tantas tardes fossem passadas no Olímpico, mesmo quando não havia nem treino com bola? Que naturalmente procurássemos aquela calma, o concreto cheio de rugas da arquibancada, o som do cortador de grama indo para lá e para cá?”.¹⁶

O narrador afirma que ele não acredita mais no encanto do futebol, e pela sua narração parece já não ter acreditado no momento do Gre-Nal do Século. Porém, chama a atenção que ele, mesmo ao contar os acontecimentos vinte anos depois, sabe muitos detalhes sobre o time do Grêmio: as escalações, os jogadores, as atuações e biografias dos craques... e que ele relata tudo com grande dedicação.

Ainda no intervalo o narrador nos conta como se originou o – suposto – fim da sua paixão futebolística e gremista. De maneira bem tradicional, ele fora iniciado neste mundo pelo pai. Mas este, por sua vez, há tempos não se interessa mais pelo futebol ou pelo Grêmio, e a partir do momento de apresentar a sua amante ao filho maior – no “episódio do Shopping” em 1985 – deixa de viver e compartilhar com o filho esta paixão que os unia, num paralelismo bem-marcado com a ruptura geral entre os dois.

[E]u em frente à televisão, também olhando para Marcos Vinícius, ainda a sombra do tempo em que esperava a semana inteira para ir ao estádio com o pai. Em que os domingos eram longos, e eu observava as variações de comportamento dele, a ansiedade e a fúria e as enchentes de alegria até o lance seguinte, até o desfecho dos turnos e retornos e quadrangulares e hexagonais, até que a lembrança de nós ali, de pé, lado a lado, os dois protegidos da chuva, até que essa lembrança morresse com os anos seguintes ao episódio do shopping.¹⁷

Este conflito explica em parte a relação complicada do narrador com o futebol, a rejeição ou falta de envolvimento emocional com este mundo, que ele menciona várias vezes. Nessa perspectivação, o “Gre-Nal do Século” só tem significado transcendental para Bruno, e o narrador planeja e arranja tudo em volta ao jogo somente por causa do irmão caçula.

¹⁶ LAUB. *O segundo tempo*, p. 48.

¹⁷ LAUB. *O segundo tempo*, p. 52.

Quatro anos antes do jogo, o narrador foi apresentado à amante do pai, Juliana, e a mãe sofreu o primeiro colapso de nervos.¹⁸ Naquela ocasião, ele tinha onze anos. São justamente quatro anos de idade que separam os dois irmãos, e assim o narrador lembra e imagina como se sente um garoto de onze anos, a idade que tem Bruno em 1989, e está determinado a poupá-lo das experiências pelas quais ele mesmo tivera que passar quatro anos antes.

Ter onze anos e começar a fazer essas descobertas. Não é à toa que estou falando de Bruno. Foi quando eu tinha a idade dele que aconteceu o episódio do shopping. Se você traçar um linha a partir dessa data, com a recuperação da mãe, o café-da-manhã com Juliana, a falência do minimercado, as viagens do pai e o dia do Gre-Nal do Século, são quatro anos de história – a exata diferença entre nós. O exato período em que aprendi o que ele agora, enquanto os times lentamente retornavam a campo, estava pronto para começar a aprender.¹⁹

No final do ‘intervalo’ – do jogo e da parte do livro –, o narrador resume mais uma vez o que aconteceu nos quatro anos desde que o pai revelou a existência da sua amante Juliana, os conflitos e as tensões em casa, a sua responsabilidade pelo irmão e por muitas coisas mais que pai e mãe – cada um separadamente – transferiram para ele. E poucos momentos antes do apito inicial para o segundo tempo ele revela a terceira novidade do pai – que Juliana está grávida –, e que ele já carregou este conhecimento durante toda a “semana do Gre-Nal do Século”. Com este elemento dramático, também se completa e fecha o segundo círculo temporal do romance, e começa ‘o segundo tempo’.

O SEGUNDO TEMPO

O reinício do jogo representa um momento em que até o narrador eclipsa tudo que fica fora do gramado – tudo que não é jogo perde importância por uns instantes –, e as suas reflexões voltam para o minuto 37 do primeiro tempo:

Na retrospectiva daqueles minutos, no entanto, guardo mais a memória de nós dois abraçados do que de qualquer outro sentimento que fosse

¹⁸ LAUB. *O segundo tempo*, p. 25-28.

¹⁹ LAUB. *O segundo tempo*, p. 58.

obrigado a ter. Eu deixei Bruno se pendurar em mim sem me perguntar como daria a notícias a ele [...].

Dizem que é este o encanto do futebol. [...] O futebol é feito para quem tem quinze anos e ainda não sabe o peso das próprias escolhas. Para quem não mede as consequências de se deixar levar por algo tão aleatório: o segundo tempo começou ainda mais intenso.²⁰

A interação do narrador-espectador-torcedor com a partida no campo, na sua importância constitutiva para o relato, faz lembrar outra observação de Gunter Gebauer a respeito da vivência do tempo durante um jogo de futebol: “Na alta tensão de um jogo acontece o inesperado: os presentes ficam presos no momento presente. Em tais momentos não existe outra coisa que este tempo único e este lugar único onde, talvez, seja marcado um gol”.²¹

Porém, e apesar da sua identificação intensa nos primeiros minutos do segundo tempo, para o narrador não há somente o jogo, bem ao contrário: Durante longas fases para ele o jogo quase não acontece na sua dimensão imediata e absoluta; para ele o jogo está permeado e ofuscado pelos seus pensamentos e suas dúvidas. Esta polaridade se acentua na parte final, “DOIS”, situada no ‘segundo tempo’ e na fase decisiva de todos os acontecimentos envolvidos, como analisa Igor Graciano:

O entre-lugar, a adolescência, traz suas escolhas. É nesse “segundo tempo” da narrativa (que não à toa estrutura-se em duas partes, divididas por um breve intervalo, como numa partida de futebol), momento em que as cartas estão na mesa, que o narrador deve optar entre a família e a fuga que seria patrocinada pelo dinheiro que o pai lhe havia dado para quitar as contas do mês.²²

A ambivalência do placar de “1 a 0” é um lugar comum no futebol: Está aberto para a confirmação da vitória, para o empate, para a virada... como aconteceu de forma memorável no “Gre-Nal do Século”. O narrador imagina que um segundo gol para o Grêmio talvez tivesse mudado tudo, tivesse garantido a vitória, a finalíssima do campeonato brasileiro e a vaga na Copa Libertadores, tivesse garantido também a felicidade de Bruno, que assim teria saído do jogo

²⁰ LAUB. *O segundo tempo*, p. 67. Também não será por acaso que o narrador tem a mesma idade que o próprio Michel Laub (nascido em 1973) tinha na época do jogo.

²¹ GEBAUER. *Das Leben in 90 Minuten*, p. 11. “In der Hochspannung eines Spiels geschieht das Unerwartete: dass die Anwesenden im gegenwärtigen Moment eingeschlossen sind. In solchen Augenblicken gibt es nichts anderes als diese eine Zeit und diesen einen Ort, wo – vielleicht – ein Tor fällt.”

²² GRACIANO. Michel Laub, p. 270.

suficientemente fortalecido para enfrentar as transformações iminentes na família e a decepção com o pai e o irmão maior.

Por algum motivo achei que haveria saída se Marcos Vinícius fizesse o mais simples, apenas dobrar o pescoço e transformar o mê de fevereiro em outra história, a classificação para dois jogos de finalíssima, duas semanas em que [...] Bruno teria outro assunto para se agarrar como pudesse – a expectativa de ser campeão brasileiro, de uma recompensa que fosse, você não tem ideia do que isso pode significar para uma criança que acaba de ganhar um irmão.

Só que Marcos Vinícius cabeceou para fora.²³

Outro lugar comum reza que “quem não faz, leva”, o que também se confirmou de forma memorável naquele clássico: No minuto 16 do segundo tempo, Nilson empata de cabeça para o Inter. O gol do empate faz o narrador voltar a pensar nas perspectivas do seu plano e no decorrer das coisas em casa: “Enquanto Nilson se ajoelhava em frente à bandeira, e o juiz corria para o meio do campo, e ninguém no Grêmio parecia disposto a sair da área e se pôr no lugar e se dar o respeito, eu sabia que o pai já havia dado a notícia da gravidez para a mãe”.²⁴

Esta reflexão se lê como um prenúncio da derrota, que dez minutos mais tarde se concretiza no gramado e também na vida do narrador: Uma descrição detalhada do plano original – comunicar a Bruno as novidades e depois fugir da família fracassada – leva, no início do capítulo 21, diretamente para a descrição detalhada do segundo gol do Internacional, o 2 a 1 que também será o resultado final. Este momento marca a virada não só no jogo, mas também nos planos e na vida do narrador:

Durante os oitenta e seis minutos que separaram o apito inicial do juiz e o momento em que Maurício viu o panorama à sua esquerda, em que percebeu a camisa de Nilson se projetando atrás da silhueta de Trasante, o resultado da partida era o maior aliado que eu tinha para a decisão de fugir.²⁵

De novo as dimensões temporais se entrelaçam, 86 minutos depois do apito inicial correspondem a 71 minutos de jogo, o que significa que sobram menos que 20 minutos para evitar a derrota. No meio da alegria da torcida adversária se

²³ LAUB. *O segundo tempo*, p. 68.

²⁴ LAUB. *O segundo tempo*, p. 71.

²⁵ LAUB. *O segundo tempo*, p. 85.

desfaz a esperança pela vitória, e com ela a possibilidade de uma idade em que tais jogos e o futebol em geral tem a capacidade de exercer o seu encanto e adquirir o seu significado transcendente.

Porém, neste momento do 2 a 1 o narrador percebe que terá que ficar em casa e cuidar do seu irmão. O próximo capítulo 23, na edição aqui consultada, começa na página 91 – um mero acaso? –, marcando o momento em que o relato sai pela primeira vez do limite temporal do jogo, entra na fase “pós-jogo” e aponta em direção ao futuro, e com ele à dimensão do primeiro círculo temporal do romance.

Eu hoje tenho certeza de que, não fosse o fato de eu haver mudado os planos em fim do Gre-Nal do Século, Bruno [...] também teria virado uma sombra presa ao desvio de uma lembrança. Eu vi Bruno mutilado depois do gol de Nilson, e era como se aquilo fosse uma prévia - na minha frente, eu tinha o retrato de como meu irmão ficaria se eu não fizesse alguma coisa para ajudar.²⁶

A partir dali, a narração é atravessada por uma nova contagem do tempo, dá saltos e relata vários momentos que se situam entre o jogo e o momento de contar vinte anos mais tarde:

Um ano depois do jogo há o primeiro encontro entre os dois irmãos e a nova família do pai com Juliana e o filho deles, Marcus.²⁷ Este encontro conciliador não teria sido possível sem a proteção para Bruno, sem a mudança de planos do narrador provocado pelo resultado do jogo.

Três anos depois do jogo o narrador se muda para São Paulo, deixando para trás Porto Alegre e a família. Na retrospectiva, um “presente opaco e eterno que sobreviveu ao jogo, ao domingo, a 1989 e a todos nós”²⁸ gastou toda a energia dele para o amor e a dedicação para os outros: “A minha capacidade de entrega como que se esgotou na saída do Gre-Nal do Século. A opção incondicional por uma pessoa, aquilo que você passa a vida toda esperando sentir de novo, eu fiz pela última vez ao caminhar ao lado de Bruno”.²⁹

²⁶ LAUB. *O segundo tempo*, p. 95.

²⁷ O nome do meio-irmão é idêntico ao do craque e marcador gremista, um detalhe que certamente guarda algum simbolismo, mas o romance se contenta com esta alusão.

²⁸ LAUB. *O segundo tempo*, p. 112.

²⁹ LAUB. *O segundo tempo*, p. 109.

No ato de contar, o narrador relata este processo na retrospectiva, reconstruindo como ele o viveu de maneira intuitiva na arquibancada, o que passou a constituir o fundamento da sua decisão: Não abandonar o irmão caçula, protegê-lo para que possa permanecer criança por mais algum tempo, enquanto o narrador, aos 15 anos, é forçado a virar adulto.

É neste sentido complexo e multifacetado que ele nos diz que o minuto 71 do “Gre-Nal do Século” foi a última vez que um gol teve algum significado para ele:

[E]u lembro do Gre-Nal do Século como o dia exato desse afastamento, o evento que subitamente me trouxe essa consciência, uma espécie de revelação da qual em seguida já não se pode voltar atrás. Naquele domingo foi a última vez que fez diferença, em que um centroavante entrando na área aos vinte e seis minutos do segundo tempo, diante da expectativa do meu irmão, do futuro imediato dele, teve alguma influência sobre mim.³⁰

DEPOIS DO JOGO...

A orientação da estrutura narrativa do romance pela duração e evolução do “Gre-Nal do Século” tem dois efeitos aparentemente contraditórios: Por um lado, ela segue a estrutura temporal de um jogo de futebol, e em consequência se condensa, sintetiza, compacta. Por outro lado, é justamente a restrição temporal uma das duas constituintes do jogo segundo Johan Huizinga em seu estudo seminal sobre o ‘Homo ludens’, a segunda constituinte sendo a limitação do espaço.³¹

Essa dupla limitação, segundo Huizinga, separa o jogo da normalidade da vida. Por essa via interpretativa é possível entender como a narração e os conteúdos narrados, seus significados e simbolismos, adquirem amplitude e extensão justamente por serem contados dentro da grade de tempo rígida e restrita de 45, 15 e mais uma vez 45 minutos e no espaço demarcado da arquibancada no estádio Gigante da Beira-Rio, olhando para o campo de futebol.

O jogo em geral, e a partida do “Gre-Nal do Século” em particular, constituem um mundo claramente separado da normalidade da vida, e assim representam a infância e inocência que o narrador já perdeu e que ele quer salvar

³⁰ LAUB. *O segundo tempo*, p. 80.

³¹ HUIZINGA. *Homo ludens*, p. 17.

por mais uns anos para o irmão caçula. Ao mesmo tempo, o mundo do jogo oferece a segurança e confiabilidade de um mundo estritamente regulado, que obedece a regras inequívocas e inquestionáveis,³² em contraste radical com o mundo aberto e desregrado, em vias de fragmentação e desnorteamento, da vida real do narrador e sua família.

Por isso o narrador deixa entender no seu ato de narrar que ele sabe lidar com a derrota gremista no jogo, mas não saberá se impor às derrotas na vida real; que ele está em condições de entender o jogo como uma ilusão que representa a esperança por uma outra realidade, pela sua fuga planejada, mas que ele não será capaz de superar a derrota dentro dessa ilusão; e assim ele permite que a derrota no campo contamine a realidade. Por isso ele dependia de uma vitória do Grêmio dentro do jogo para ter forças a confrontar o irmão com a derrota da família na vida real. A leitura de Pedro Henrique Auad também aponta nesta direção:

O momento traumático é acentuado, ainda, por ser ele, o narrador, o responsável por dar a notícia para o irmão mais novo, gremista, aficionado por futebol, que estava alheio à situação. Pode-se afirmar, assim, que a ancoragem do romance é na memória individual, mas que dialoga, como será visto, constantemente com uma memória coletiva.³³

Com a mencionada memória coletiva se estabelece também uma ligação entre o jogo e o pano-de-fundo histórico do Brasil no final dos anos 1980, a profunda crise econômica, política e social após a redemocratização, cujos traços Auad detecta no romance:

Apesar de marcas menos destacadas, as agruras do governo Sarney, as crises econômicas da época do Plano Cruzado, e o próprio caos social e político do país estão nas páginas do livro e constituem uma espécie de memória coletiva que não se opõe à memória individual do narrador, à qual, ao contrário, soma-se. A falência do mercadinho familiar, o trabalho como vendedor de seguros do pai, o dinheiro contado para o pagamento das contas da casa e até mesmo a mudança para outra cidade fazem parte desse pano de fundo da narrativa que vai se confundindo com o desmoronamento familiar e com a narração do Gre-Nal.³⁴

³² HUIZINGA. *Homo ludens*, p. 18-19.

³³ AUAD. Futebol, família, nação e memória, p. 19.

³⁴ AUAD. Futebol, família, nação e memória, p. 25.

Para além das fronteiras nacionais do Brasil, o ano de 1989 inevitavelmente marca o fim de toda uma época, a passagem de um tempo supostamente “histórico” para um tempo decretado como “pós-histórico”, mesmo que não se tenha concretizado dessa forma.³⁵ Também Gunter Gebauer destaca essa capacidade evocadora do futebol:

Isto é possível porque o futebol é uma memória cultural. Guarda as memórias e as evoca no presente – memórias da violência, da iniciação na infância e adolescência, de jogos importantes e da política que formava o seu pano-de-fundo, e daqueles heróis ligados à nossa vida.³⁶

Um famoso ditado do antigo técnico da seleção alemã, Sepp Herberger, reza que “depois do jogo é antes do jogo”, alertando para o fato de que sempre há um próximo jogo pela frente, mesmo depois da maior vitória ou derrota, e que cada jogo faz parte da virtualmente infinita sequência de jogos de um time. Em *O segundo tempo*, o contraste perturbador com este ditado e a sua ‘verdade’ evidente no mundo futebolístico consiste no fato que para o narrador não há um ‘próximo jogo’, que para ele ‘depois do Gre-Nal do século’ não é ‘antes de outro jogo’.

Para ele, no final do romance e da partida, os fins e os começos – os individuais, os familiares, os coletivos, os do futebol, os do Brasil, os globais... – coincidem. Isto se evidencia – na retrospectiva, depois de ter chegado no fim do romance – e é anunciado na primeira frase do livro: “Hoje o futebol está morto, e duvido que alguém ainda chore por ele, mas não era assim no dia 12 de fevereiro de 1989”.³⁷

Isto também se evidencia no olhar do narrador para Bruno quando o Inter marca o gol da vitória, na dor incomensurável que esta derrota provoca na vida do

³⁵ FUKUYAMA. *The End of History*. O romance não alude explicitamente a este ‘grande’ quadro da dimensão histórica global. Esta referência aqui serve somente para deixar registrado a potencialidade que guarda a representação da temporalidade do futebol no romance e que uma leitura mais aprofundada e ampliada poderia tornar produtiva. Sabendo que o romance foi escrito pouco antes de 2006 e lendo-o hoje, o “Gre-Nal do Século” parece mesmo ter tido lugar em outro mundo, em outro tempo: antes da queda do muro (no mesmo ano de 1989) e do fim do bloco de Varsóvia, antes das grandes transformações do futebol globalizado a partir dos anos 1990.

³⁶ GEBAUER. *Poetik des Fußballs*, p. 10. “Dies ist möglich, weil der Fußball ein kulturelles Gedächtnis ist. Er bewahrt Erinnerungen auf und ruft diese in die Gegenwart – Erinnerungen an Gewalt, an die Initiation in Kindheit und Jugend, an bedeutende Spiele und die Politik, die deren Hintergrund bildete, und an jene Helden, die mit unserem Leben verbunden sind.”

³⁷ LAUB. *O segundo tempo*, p. 11.

irmão ainda criança. O narrador foi obrigado – pela atuação do pai e da mãe – a deixar para trás esta percepção infantil e inocente, mas inconscientemente ele utiliza o jogo e a sua evolução como orientação para as suas decisões e para os planos que ele esboça e afinal realiza a respeito de Bruno. De maneira semelhante como o futebol estrutura composição do romance, o jogo também configura a vida do narrador.

Durante os 90 mais 15 minutos no Beira-Rio, as decisões do narrador se refletem, intensificam, canalizam. Ele sente, como substituto, a dimensão que a derrota tem para Bruno, e sabe imediatamente que ela é grande e pesada demais e que Bruno não poderia aguentar, ainda por cima, o abandono do irmão no meio da separação dos pais. É nesse sentido que se pode entender a análise de Miguel Koleff a respeito da importância do futebol no romance:

En el caso de esta novela en particular, el elemento que interviene en la imbricación de las situaciones es un campeonato de fútbol de importante relevancia local. Lo es por dos razones: porque – alegóricamente – proporciona pistas para su interpretación y porque – cronológicamente – marca un antes y un después en la vida del protagonista. La primera consideración importa en la medida en que objetiva los estados anímicos que acompañan el desarrollo de los acontecimientos y los nutre en su interioridad. La segunda, desde que cifra el momento exacto en que el narrador se ve a sí mismo en conjunción con su padre y su hermano y toma la primera decisión madura de su vida.³⁸

Assim, o narrador parece querer contar e, com isto, reviver o momento em que o seu futuro estava ainda pendente, em que o espaço-tempo do jogo ainda não estava decidido e ainda não tinha determinado o rumo da vida real. Porém, o narrador foi – e de alguma forma, no momento da escrita, ainda é – gremista, e ele conta e revive como uma das derrotas mais dolorosas de seu time determinou decisões fundamentais na sua vida, como também confirma Pedro Henrique Auad:

É no segundo tempo do jogo que o Internacional vira a partida e o drama vivido pelo narrador – de anunciar ao irmão mais novo, Bruno, a separação dos pais – se acentua. O próprio gol do time rival daquele para o qual eles torciam se torna, assim, a instauração traumática[.]³⁹

³⁸ KOLEFF. *Acerca del luto y la melancolía*, p. 226.

³⁹ AUAD. *Futebol, família, nação e memória*, p. 24.

Eu diria que não se trata tanto de um ‘trauma’, quando se enfoca a posição e a atuação do narrador, mas de um momento de importância e consequências muito amplas e profundas, de peso extremo e, antes de tudo, de uma grande melancolia. Porque, inevitavelmente, esta narração é um reviver com o conhecimento e a consciência do final, do resultado do jogo e das suas consequências – nos termos que Walter Benjamin, no seu famoso ensaio sobre “O narrador”, descreve como a “profunda melancolia” que marca quase todos os romancistas.⁴⁰

Esta melancolia no ato de narrar, ainda segundo Benjamin, deixa compreender o sentido da vida do protagonista somente a partir de sua morte, a partir do fim do romance – a morte aqui representada pela derrota do Grêmio e, conseqüentemente, pela morte do futebol, declarada pelo narrador no início do romance, na primeira frase: “Impossível descrever melhor a essência dos personagens do romance. [O] ‘sentido’ da sua vida somente se revela a partir de sua morte. [...] Se necessário, a morte no sentido figurado: o fim do romance “. ⁴¹

* * *

⁴⁰ BENJAMIN. Der Erzähler, p. 400. Neste contexto, Benjamin recorre a Georg Lukács, que na sua *Teoria do romance*, identificara o tempo como um “princípio constitutivo” deste gênero literário. Esta análise de Lukács pode elucidar a constelação aqui estudada: “O tempo pode se tornar constitutivo somente a partir do momento em que deixou de existir a ligação com o ‘lar’ transcendental. [...] No romance, sentido e vida, e com eles o essencial e o temporal se separam; quase se poderia dizer: todo o enredo interno do romance não é outra coisa que uma luta contra o poder do tempo.” (“Die Zeit kann erst dann konstitutiv werden, wenn die Verbundenheit mit der transzendentalen Heimat aufgehört hat. [...] Im Roman trennen sich Sinn und Leben und damit das Wesenhafte und Zeitliche; man kann fast sagen: die ganze innere Handlung des Romans ist nichts als ein Kampf gegen die Macht der Zeit.”) LUKÁCS. *Theorie des Romans*, p. 108-109.

⁴¹ BENJAMIN. O narrador, p. 214.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI MORENO, Naiara. **Aprendizado da culpa**: caminhos da formação nos romances de Michel Laub. Tese de Doutorado. Unesp, Araraquara, 2019.
- AUAD, Pedro Henrique T. Kalil. Futebol, família, nação e memória: *O Segundo Tempo*, de Michel Laub. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 15-31, 2017.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política** – Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas vol. I. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.
- EICHLER, Christian. **Lexikon der Fußballmythen**. Frankfurt am Main: Eichborn, 2000.
- GEBAUER, Gunter. **Poetik des Fußballs**. Frankfurt am Main: Campus-Verlag, 2006.
- GEBAUER, Gunter. **Das Leben in 90 Minuten. Eine Philosophie des Fußballs**. München: Pantheon, 2016.
- GRACIANO, Igor. Michel Laub – *O segundo tempo*. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 29, p. 269-272, 2007.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens. Vom Ursprung der Kultur im Spiel**. Hamburg: Rowohlt, 1956.
- KOLEFF, Miguel. Acerca del luto y la melancolía en las literaturas lusófonas. El caso de Michel Laub. **Revista de Culturas y Literaturas Comparadas**, Córdoba, n. 2, p. 220-229, 2008.
- LAUB, Michel. **O segundo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LUKÁCS, Georg. **Theorie des Romans**. Ein geschichtsphilosophischer Versuch über die Formen der großen Epik. München: dtv, 2000.
- SACHERI, Eduardo. El túnel del tiempo. In: SACHERI, Eduardo. **Las llaves del reino**. Ciudad de México: Alfaguara, 2016, p. 48-53.

* * *

Recebido em: 19 de outubro de 2021.
Aprovado em: 31 de janeiro de 2022.